

**E** ditar, produzir e fazer circular livros que possam colaborar com a melhoria do ensino no Brasil, estabelecer uma ponte entre a produção do conhecimento e a sociedade. Promover a circulação do saber, enfim. Esta tem sido, desde o início, a preocupação da Editora Contexto.

Boa leitura!

Siga-nos:



[www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br)



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>ESPAÇO DE DEFINIÇÕES</b> .....	<b>19</b>
<b>PROJETOS EM HISTÓRIA ORAL</b> .....	<b>29</b>
Oralidade e história oral.....	31
História do projeto.....	39
Componentes de projetos em história oral.....	41
Tema.....	44
Justificação.....	45
<i>Corpus</i> documental.....	49
Hipótese de trabalho.....	51

## **GÊNEROS NARRATIVOS**

### **EM HISTÓRIA ORAL..... 59**

Espécies em história oral..... 61

História oral de vida..... 62

História oral temática..... 68

História oral testemunhal..... 75

Tradição oral..... 81

### **HISTÓRIA ORAL COMO PROCESSO..... 93**

Comunidade de destino..... 95

Colônia..... 100

Redes..... 101

### **CIRCUNSTÂNCIAS PARA ENTREVISTAS..... 111**

Entrevista planejada..... 113

Pré-entrevista..... 114

Entrevista como matéria..... 119

Caderno e registro de campo..... 123

<b>PASSAGEM DO ORAL PARA O ESCRITO</b>	
<b>E GUARDA DE DOCUMENTOS .....</b>	<b>129</b>
Transcrição .....	131
Textualização.....	133
Tom vital.....	136
Transcrição.....	139
Bancos de histórias.....	145
<b>HISTÓRIA ORAL APLICADA E ANÁLISE.....</b>	<b>153</b>
História oral como fim ou como meio.....	155
Fundamentos da história oral instrumental aplicada.....	158
Transcrição analítica.....	160
História oral pública.....	162
<b>CONDUÇÃO DOS PROJETOS EM HISTÓRIA ORAL .....</b>	<b>169</b>
Expressão oral de memória: responsabilidades.....	171
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>183</b>
<b>OS AUTORES .....</b>	<b>191</b>

# APRESENTAÇÃO

*Na memória, tudo é grato, até a desventura.*

Jorge Luis Borges

Mas por que história oral *aplicada*? Há outra manifestação de história oral que não seja aplicada? O espelho da linguística, da psicologia e da matemática, entre outros ramos das ciências humanas e exatas, propõe reflexões que valorizam a história oral para além dos aspectos teóricos, abstratos, executivos. Mais do que fenômeno simples ou corriqueiro, sem maiores valorizações, a oralidade é assumida em seus extremos práticos e dimensionada como ato propositivo, bem como de inerência pública que ganha foros de relevo. Importa extraí-la de sua aceitação natural e provocar ponderações mensuráveis.

A elevação à categoria de registros, estudos ou reflexões, por sua vez, considera a dimensão popular e dialógica, de aceitação da oralidade além dos quadros acadêmicos. Por certo, a vocação pública impõe dificuldades que, de modo enviesado, têm sido solucionadas na divisão criticável de “história oral acadêmica” *versus* “história oral popular”. A insatisfação com tais polarizações convida ao reordenamento do debate, imaginando o denominador comum, público e amplo, produtor e receptor, usuário enfim de todo e qualquer esforço do trabalho com entrevistas planejadas. Valorizando a recepção, certa aplicação da história oral se mostra como manifestação democrática possível, e, assim, cumpre papel político desejável. Evidentemente não se trata apenas de dimensionar o público da história oral e o consumo de histórias, mas a colaboração – como um fazer em conjunto – que confere sentido mediador aos investimentos.

A soma de atos que compõem os procedimentos adotados por oralistas, pessoas que trabalham com a história oral enquanto prática geradora de documentos e de registros que se explicam pela comunicação, tende a articular manifestações derivadas da existência de projetos. O desempenho prático da história oral, portanto, começa na elaboração de qualquer plano efetivo do trabalho, com entrevistas planejadas em seu sentido amplo e comunicativo. História oral aplicada é a dimensão prática de reflexões que não existiriam sem a materialização das intenções e sem a vocação comunicativa que podem confluir em análises. A aplicação se inicia na escrita de um plano de trabalho, que, ao contrário de se esgotar no começo, exige desdobramentos que evoluem para sua conclusão transcritiva e a devolução ampla.

História oral aplicada qualifica, assim, a função dos trabalhos feitos com entrevistas características. Porque se reconhece nessa prática a vontade de envolvimento dos segmentos que explicam a história oral, as definições de sua aplicação respondem a outro sentido do termo “aplicada”, isto é, cuidada, cultivada, educada;

trata-se de uma história oral disciplinada ainda que escape aos enrijecimentos e imobilidades. Tais sinônimos valorizam, pois, o esforço transformativo da passagem do oral para o escrito: momento decisivo de ápice e síntese do diálogo mediador com a memória de expressão oral. Nada obstante, complementa-se, neste encete, o que tem sido divulgado até o presente como história oral – termo carente de coerência afetiva, mnemônica e/ou sócio-política.

A frase de Borges, constante na epígrafe, remete ao encantamento da experiência filtrada pela memória sempre em busca de seu sentido social. Mesmo traumas, dores pessoais e históricas, incuráveis agruras de outros, relatos extraídos do íntimo, ou, pelo contrário, expressões de interesses triunfantes, narrativas amorosas; tudo, enfim, se dinamiza por meio da comunicação verbal e assim ganha enlevo, dignifica a experiência de registros por modestas que sejam. Isso, aliás, lhes garante destaque central no cultivo de conhecimento, confere vida própria na ordem dos saberes, além do fascínio da combinação de fala/escuta/produção textual. Memória de expressão oral é mais do que reportagem, mais do que geração de novas pautas de debate e muito mais do que diagnóstico social. É sempre sondagem profunda, reflexão sobre o que é retido e reelaborado na intimidade da memória, substância que se projeta no diálogo entre partes interessadas na busca por entendimentos; trata-se de fiações argumentativas que se desenrolam e se tramam para deslinde de argumentos provocados. Tudo na chave da humanização das relações, na busca de compreensão de nossos papéis no mundo. Há algo mais profundo do que o exercício analítico de textos.

O resultado de encontros gravados, solenes pela responsabilidade do registro, diferencia-se das decorrências formatadas com base em documentos preexistentes, escritos, esfriados pela materialidade decorrente e distanciados daqueles produzidos alhures. É sob essa condição que se combinam fatores capazes de dar sentido para a história oral “filha da memória”, condição

exprimida por sons articulados na responsabilidade de contatos de pessoas. Importam as falas socialmente prezadas por cidadãos, expressões apresentadas como ativadoras de lembranças em favor de entendimentos dos dilemas ou questões a serem percebidas, consignadas sempre em favor de razões sociais. Nessa escala, a memória verbalizada justifica sua validade como atributo exclusivo dos seres humanos – seres mnemônicos por excelência – em busca de relações sustentáveis, sensíveis. Exclusivo dos viventes, sim, mas de sutil apreensão e entendimento decorrente da fala. Na mesma senda, valoriza-se a bifurcação entre modos de expressão. A memória “por escrito” percorre caminhos próprios e paralelos, distintos da “pronunciada verbalmente”. Não são duas memórias, mas gozam de autonomias expressivas próprias; gêmeas, geradas na mesma maternidade, relacionam-se, mas não se confundem. Memória de expressão oral é matéria diferente da que se expressa por meio da e na escrita, o que torna conveniente não confundir uma modalidade com outra.

Indo além, cabe perguntar: mas, se germinadas nas memórias pessoais e coletivas, como tais marcas de lembranças podem se expressar pela via oral? Quais as diferenças mais evidentes das memórias depois proclamadas por escrito – na solitude individual e no tempo que lhe aprouver, podendo ser revistas, daquelas verbalizadas? E as respostas se prontificam para salientar que pela fala, aquelas disparadas em relatos dialógicos, cumpridos na intenção imediata do registro com interlocutor direto, se caracterizam na intensidade das presenças, no frescor dos contatos, na revelação de subjetivos escondidos nos filtros das lembranças. É pela transcendência do oral em busca de soluções escritas, complementares, que a história imediata se faz matéria e, assim, ganha foros de respeito com desejo de permanência.

Atualmente a história oral garante presença inegável, fenômeno que se impôs pelo acatamento público irreversível. Em diversos quadrantes do mundo, em diferentes segmentos culturais, com

manifestações formais variadas, a aceitação desse fenômeno responde à combinação de interesses inerentes à condição social de todos e atua na busca de divulgação ampla. Sobretudo por sua inclinação ser pública, a história oral estimula não apenas a divulgação, pois requer devolução criteriosa; não somente uso, mas um exercício sensível do conjunto. As melhores práticas de pesquisa com a memória contemplam o “fazer com” que qualifica o conceito de “colaboração”. Notadamente permitida, graças aos apelos explicativos do passado triado por protagonistas, a fala direta é mediada pelos avanços da eletrônica: gravadores, filmadoras, internet. Os desdobramentos da busca de sentido do momento vivencial de cada grupo exigem progressivamente novas soluções capazes de fazer com que a tecnologia colocada ao dispor da produção documental – e por meio dela – possibilite suportes explicativos do passado enunciado no presente, redito pela dicção da memória que ganha corpo físico nas gravações vertidas para o escrito.

O esforço planejado de investigação sobre o passado recriado na memória e as facilidades permitidas pela tecnologia possibilitam o que se conhece por “moderna história oral”. Como dimensão de alternativas dispostas à maioria das pessoas, e com o alcance do direito de se contar e de se explicar, sempre garantidos pelas conquistas de posicionamentos pessoais, a compreensão dos fatos e das interpretações do pretérito não são mais exclusividades dos recursos referenciados por documentos consagrados, cartoriais, raros, alheios. E nem dependem do protagonismo dos explicadores de ofício que, aliás, sempre falam “dos” e “sobre” os “outros”, inclusive quando remetem a si mesmos. Em paralelo às importantes manifestações possibilitadas pela disciplina História e demais irmãs nas humanidades, as alternativas de expressão da memória individual ou coletiva se elevam como ponto valioso para considerações sensíveis, colhidas no presente e com propensão pública.

Ainda que a cobertura da história oral tenha alcançado amplitude planetária, existem peculiaridades inerentes aos meios

específicos que a acolhem e adotam como sua com notada ênfase nos países que passaram por regimes autoritários. Porque se inscreve na plenitude democrática, cumpre papel fundamental, orientada que é à atuação em favor de explicações afeitas ao passado obscurecido por momentos em que falar, registrar narrativas verbais e divulgar experiências equivaliam a fatores de credibilidade ariscada. Como manifestação do ambiente aberto ao amplo direito de expressão, a história oral torna-se gênero apropriado para garantir condições de registros públicos e independentes, inclusive do exclusivismo acadêmico que o legitima como matéria própria.

A história oral está no ar e é de e para todos. Como protagonistas ou consumidores, o direito de se exprimir autentica a condição de cidadania graças à eletrônica e à passagem do oral para o escrito.

Este livro foi produzido segundo desdobramentos de pontos firmados por uma trajetória e por conquistas retraçadas pela história oral feita nos moldes propostos pelo Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP). Ao longo de cerca de 30 anos, desde os efeitos da abertura política brasileira raiada na década de 1980, o NEHO-USP tem se dedicado à formulação de propostas, desenvolvimento de pesquisas e retorno público de resultados dispostos ao debate aberto. Além de variada agenda temática com inerência à empiria, o NEHO-USP se propôs com frequência à fundamentação teórica, desenvolvendo pressupostos que dialogam com o fazer da memória enquanto expressão nutridora da história oral.

A proposta que dirige este livro visa sintetizar o que já foi colocado à disposição dos leitores e, mais do que isso, favorecer a discussão sobre memória de expressão oral em diferenciação de memória de expressão escrita. O objetivo, portanto, é argumentar

em favor de uma forma de produção de documentos, indicando critérios para formulações da expressão da memória falada, gravada, materializada do oral para o escrito e disposta ao público. Ao mesmo tempo em que é reflexiva, trata-se de uma proposta ora prática, ora instruída nos fundamentos de uma história oral de amplitude social. Isso sem deixar o desafio da subjetividade que sempre ambienta os casos. Porque não se acata mais supor que os projetos desta área de pesquisa não tenham a memória como razão mãe – como se a história oral resultasse de manifestação explicada por encontros desvinculados de enunciados que tenham fundamento próprio – buscou-se mostrá-la como meio, não como fim. De certa forma, essa postura renova as operações corriqueiras em história oral e, livrando-a de relações meramente utilitaristas, abre flanco para convenientes e complexas análises sobre tal fazer.

Em termos de organização das ideias, os argumentos abordam, na primeira parte, oito unidades, incluindo tópicos e textos de apoio. Mais do que a abertura destas linhas como um texto introdutório, cabe reconhecer a indicação de Opper Raijic, que pontificou: “O que fica não é a primeira impressão, mas o que fazemos depois da apresentação”. Então, resta desejar mais do que boa leitura, boa prática em memória de expressão oral.